

FONTE : Journal do Brasil
DATA : 5 1 92

CLASS. : Carajás
PG. : 22 135

Estatal vai destruir relíquia arqueológica em Carajás

Ronaldo Brasiliense

BELEM — A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) vai destruir o mais importante sítio arqueológico encontrado na Serra dos Carajás, no sul do Pará. A Gruta do Gavião, descoberta por arqueólogos do Museu Emilio Goeldi, de Belém, em 1985, onde foram encontrados vestígios de presença humana há oito mil anos, vai ser destruída para que a Vale possa extrair do local o minério de ferro no corpo N-4, que possui 30 anos de vida útil.

A Vale fez um convênio com o Museu Emilio Goeldi e deu um prazo para que as pesquisas arqueológicas fossem concluídas. Mas esse prazo não pode ser prorrogado indefinidamente. A Gruta do Gavião está no centro da mina e a área precisa ser explorada economicamente, confirma o gerente de imprensa da Vale, José Silveira. "Sabemos que a gruta será destruída, mas precisamos de tempo para concluir nosso trabalho científico", afirma o arqueólogo carioca Marcos Pereira Magalhães, que lá trabalhou de 83 a 88.

Relíquia — A Gruta do Gavião, localizada próximo ao platô da Serra Norte, em Carajás, é uma relíquia arqueológica. Em 1983, o Museu Emilio Goeldi iniciou um levantamento da fauna e flora e do potencial arqueológico da Serra dos Carajás em convênio com a própria Vale. Embora só tenha sido descoberta em 1985, há muito sabia-se de sua existência através de formações de nativos da região. Além de ser a única gruta no mundo inteiramente de ferro, ela tem uma grande importância arqueológica para a história da Amazônia, afirma Marcos Pereira Magalhães.

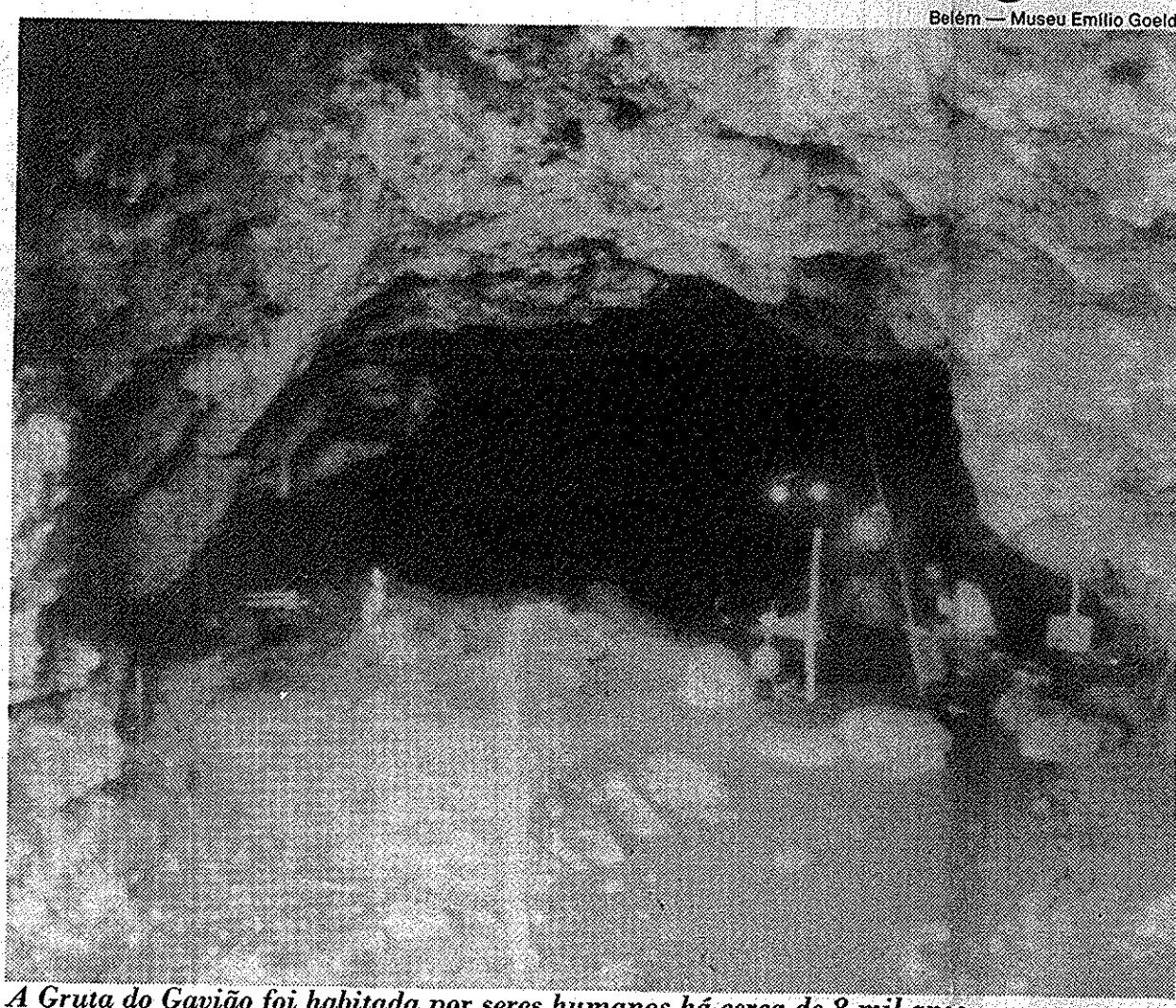
Os trabalhos científicos na Gruta do Gavião tiveram continuidade com o Programa de Pesquisa da Bacia do Itacaitunas, um projeto coordenado pela pesquisadora Elisabeth Van Der Berger e financiado pela própria Vale do Rio Doce. Os arqueólogos Marcos Magalhães e Maura Imázio da Silveira mergulharam durante quatro anos nas pesquisas sobre os ancestrais amazônicos e chegaram a conclusões importantes sobre o enigma que cerca a presença de homens pré-históricos na Amazônia.

Nas primeiras pesquisas, Magalhães e Maura Imázio concluíram que há oito mil anos viveu na Amazônia uma civilização estruturada, com hábitos alimentares bem definidos — consumiam pequenos animais, peixes e vegetais — que muito provavelmente utilizavam a Gruta do Gavião como estação de caça. Além de ser uma das mais antigas da Amazônia, a Gruta do Gavião apresenta um contexto cultural único em termos de artefatos líticos e restos alimentares como ossos, sementes e escamas de peixe", relata o arqueólogo Marcos Magalhães.

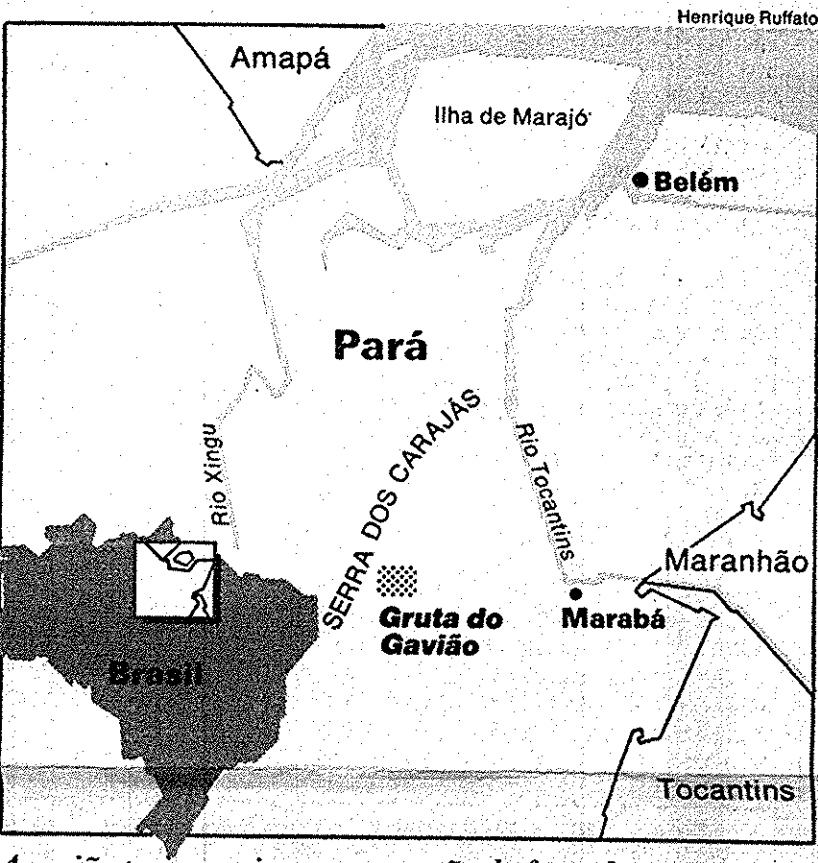
Há outras descobertas arqueológicas importantes feitas no Mato Grosso e em Rondônia, mas nenhuma com as características da Gruta do Gavião, com um potencial arqueológico vastíssimo", explica ainda Magalhães.

Ocupação — Para o arqueólogo do Goeldi, responsável pelas pesquisas de campo, "a gruta foi ocupada por humanos durante quatro mil anos e é de grande importância para que a arqueologia possa identificar como foi a adaptação do homem na região amazônica através dos tempos". No lado externo da Gruta do Gavião, os pesquisadores do Museu Goeldi — uma das mais respeitadas instituições de pesquisas da Amazônia, fundado há 125 anos —, descobriram antigos fornos, com restos alimentares em abundância. "Os homens que habitavam a gruta alimentavam-se de pequenos animais e não saíam para caçar animais de grande porte. Os testes feitos em ossos e artefatos líticos, com Carbono 14, comprovaram a idade da descoberta, um tesouro arqueológico que pode ajudar a desvendar o mistério existente sobre a ocupação humana na Amazônia.

A polêmica sobre a destruição da Gruta do Gavião foi aberta há quinze dias em reunião do diretor da área de meio ambiente da Vale, Luiz Carlos Nepomuceno, com a diretoria do Museu Emilio Goeldi. Na ocasião, Nepomuceno garantiu que a gruta já havia sido destruída, informação que a própria direção da Vale do Rio Doce tratou de desmentir posteriormente. "Já fizemos, numa primeira etapa, todo o salvamento arqueológico", garante Marcos Magalhães. "Agora queremos partir para a pesquisa científica e concluir nossos trabalhos", acrescenta.



A Gruta do Gavião foi habitada por seres humanos há cerca de 8 mil anos



A região tem a maior concentração de ferro do mundo

Belém — Museu Emilio Goeldi

Falta verba para pesquisa na região

O problema da Gruta do Gavião exige uma solução a curto prazo: ou o Museu Goeldi consegue verbas para concluir seus trabalhos no local, ou até o final do ano o Brasil verá sepultado um de seus mais importantes acervos arqueológicos já descobertos na Amazônia. "Há locais em Carajás onde a destruição é iminente e não dá para esperar por verbas durante muito tempo", alerta o arqueólogo Marcos Pereira Magalhães.

A carência de recursos no Museu Emilio Goeldi mostra, claramente, a gravidade da situação da pesquisa no Brasil. Desde 1988 o museu vem tentando obter recursos para concluir os trabalhos arqueológicos na Serra dos Carajás, e vem recebendo sucessivas negativas da Secretaria de Ciência e Tecnologia, da Finep e mesmo da própria Vale, que bancou o projeto pioneiro na área.

O descaso governamental com a pesquisa científica já sepultou centenas de sítios arqueológicos sob o lago da hidrelétrica de Balbina, no rio Uatumã, Amazonas, sem tempo hábil para se saber o potencial arqueológico da região — onde até mesmo um raríssimo Muiraquitã foi encontrado. A Vale e o Museu Goeldi têm um acordo verbal para a preservação da Gruta do Gavião até o fim das pesquisas científicas. No entanto, do ponto de vista empresarial, a Vale não quer perder tempo indefinidamente para mineralizar a área.

"Existe a possibilidade de transferirmos a gruta para outra área, utilizando o know how do Smithsonian Institute", afirma um diretor da Vale. Nos EUA, o Smithsonian já conseguiu transferir acervos arqueológicos de áreas ameaçadas de destruição, possibilitando a continuidade de pesquisas importantes para se saber como viviam os antepassados humanos há milhares de anos. O próprio diretor, porém, afirma que este projeto é apenas uma hipótese.

A Serra dos Carajás, no sul do Pará, detém a maior jazida de minério de ferro do mundo — são 18 bilhões de toneladas do minério, de alto teor —, garantindo 600 anos de vida útil ao Projeto Ferro-Carajás. "A Vale poderia mineralizar em outras áreas, dando tempo para que todas as pesquisas científicas na Gruta do Gavião fossem concluídas", sugere o arqueólogo Marcos Magalhães.

Maior vitrine da Vale do Rio Doce no exterior, o projeto Ferro-Carajás vai faturar este ano mais de US\$ 700 milhões, com a produção de 35 milhões de toneladas de ferro. Além da Gruta do Gavião, há outras ocorrências arqueológicas na serra Sul, onde, porém, por falta de apoio logístico, as pesquisas científicas serão muito mais complicadas. (R.B.)

Descoberta ajuda cientista dos EUA

A arqueóloga norte-americana Ana Roosevelt, do Museu de História Natural de Nova Iorque, surpreendeu o mundo ao divulgar, recentemente, a descoberta de pedaços de cerâmica com 7.800 anos, na gruta Taperinha, município de Santarém, no Baixo-Amazonas — num trabalho desenvolvido em conjunto com os arqueólogos do Museu Emilio Goeldi.

A descoberta de Ana Roosevelt prova que a cerâmica amazônica é bem mais antiga do que a de outras civilizações ocidentais, superando em idade até mesmo a dos Maias, Incas e Astecas nas Américas e, também, outras descobertas na Europa. Os vestígios descobertos na Gruta do Gavião, com oito mil anos de existência, podem ser o elo perdido para se chegar a conclusões arqueológicas importantes sobre a vida dos primeiros povos da Amazônia, colocando por terra vários tabus criados sobre a presença do ser humano na região. "A arqueóloga Ana Roosevelt trabalha em conjunto com os arqueólogos do Museu Emilio Goeldi e os trabalhos de pesquisa feitos nas grutas Taperinha e Gavião se completam", assegura o diretor do Museu Emilio Goeldi, Guilherme Maia. (R.B.)